

---

# A hermenêutica da “teologia da última geração”

---

ISAAC MALHEIROS MEIRA JUNIOR<sup>1</sup>

O objetivo desse artigo é avaliar criticamente a hermenêutica da “Teologia da Última Geração” (TUG). Não se trata aqui, primordialmente, de avaliar se a teoria é bíblica ou não. O foco é a hermenêutica, o modo como a Bíblia e os escritos de Ellen G. White são utilizados. Para isso, é dada atenção especial ao modo como a hermenêutica da TUG revela (1) problemas nas justificativas bíblicas apresentadas; (2) uma leitura seletiva dos escritos de Ellen G. White; (3) a utilização do “método texto-prova”; (4) a apresentação de temas em perspectivas equivocadas; (5) problemas semânticos; (6) o reducionismo de temas mais amplos; e (7) problemas de lógica argumentativa. A pesquisa utiliza o método da revisão bibliográfica. E, com base no artigo, é possível concluir que, se a TUG pretende ser um ensino bíblico, é urgente que seus conceitos sejam bíblica e plenamente fundamentados e esclarecidos, em consonância com os princípios adventistas de interpretação das Escrituras.

**Palavras-chave:** Teologia da última geração; Perfeccionismo; Santificação; Teologia Adventista; Ellen G. White.

This article aims at evaluating critically the hermeneutics used in the “Last Generation Theology” (LGT). The main purpose is not to assess whether the theory is biblical or not. The focus is the hermeneutics itself and the way Ellen G. White’s writings and the Bible are used. To this end, special attention is given to the following evidence concerning the hermeneutics of the LGT: (1) problems related to the biblical claims presented; (2) a selective reading of Ellen G. White’s writings; (3) the use of the “proof-text method”; (4) the presentation of themes from a mistaken perspective; (5) semantic problems;

.....

<sup>1</sup> Mestre em Teologia e doutorando em Teologia na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS. Pós-graduado em Ensino Religioso e Teologia Comparada. E-mail: pr\_isaac@yahoo.com

(6) reductionism of broader themes; and (7) problems related to argumentative logics. The research makes use of the bibliographic review method. Based on this article, it is possible to conclude that, should the LGT be a biblical teaching, its concepts must urgently and fully explained by means of a Bible-based hermeneutics, in accordance with Adventist principles of interpreting the Scriptures.

**Key words:** Last Generation Theology; Perfectionism; Sanctification; Adventist Theology; Ellen G. White

Historicamente, o principal expositor da TUG foi M. L. Andreasen, cujas obras serão avaliadas neste artigo. Além disso, autores mais contemporâneos auxiliaram a expandir e divulgar novos conceitos relacionados à TUG, como Herbert Douglass e Clifford Goldstein, também citados no presente artigo. E, apesar de nem todos serem citados, outros autores foram consultados, como Kevin Paulson,<sup>2</sup> Dennis Priebe,<sup>3</sup> Robert Wieland, e Larry Kirkpatrick.<sup>4</sup>

A análise das exposições consultadas revela que a TUG procura justificar algumas de suas principais alegações utilizando a Bíblia, mas boa parte de seu conteúdo utiliza os escritos de Ellen G. White como referência principal. Assim, a avaliação da hermenêutica da TUG deverá considerar o modo como seus expoentes utilizam a Bíblia e os escritos de Ellen G. White.

138

## Problemas nas justificativas bíblicas apresentadas

A hermenêutica adventista baseia-se no conceito da unidade consistente das Escrituras, dentre outros princípios (DAVIDSON, 2011, p. 74). Admitir uma unidade fundamental na Bíblia, e harmonia entre suas várias partes, torna legítima a busca, análise e síntese de todos os textos bíblicos sobre determinado assunto. No entanto, isso abre espaço para os problemas relativos à justaposição equivocada de textos (CARSON, 2001, p. 128-129).

Apesar de o uso de “textos-prova” ser compatível com a ideia de que há uma unidade superior na Bíblia, e possibilitar a procura de um ensino normativo dela em

.....

<sup>2</sup> Os artigos de Paulson que foram consultados são: **Does God Have a Calendar?** Disponível em: <<http://bit.ly/2fLQiqOZ>>. Acesso em: 17/02/2015; **What Jesus proved.** Disponível em: <<http://bit.ly/2fCDenE>>.

<sup>3</sup> Seus artigos estão disponíveis em: <<http://www.dennispriebe.com/new/>>.

<sup>4</sup> Seus artigos estão disponíveis em: <<http://www.lastgenerationtheology.org/>>.



qualquer assunto, o “método texto-prova” apresenta problemas com o modo como vários versículos, de gêneros literários e contextos diferentes, são associados. Esse é um problema facilmente perceptível nas obras que expõem a TUG. Alguns exemplos serão examinados a seguir.

### A “revelação dos filhos de Deus” (Rm 8:19)

A TUG ensina que o mundo está à espera da demonstração do estilo de vida perfeito da última geração (ANDREASEN, 1983, p. 240). O texto-prova é Romanos 8:19 (“A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus”), onde a “revelação dos filhos de Deus” seria a manifestação de uma geração de pessoas que viverão sem pecar.

No entanto, a “revelação” (ἀποκάλυψις) nesse texto refere-se primariamente à “glória a ser revelada (ἀποκάλυψις) em nós” (Rm 8:18) por ocasião da libertação final (glorificação). Algo dessa glória revelada através da igreja já pode ser observado hoje (Ef 3:10), mas nesse contexto, a glória vindoura, aguardada com expectativa por toda a criação, é a manifestação escatológica consumada, a reversão da queda cósmica, a glorificação (NICHOL, 1980, v. 6, p. 570), e não uma demonstração de vida sem pecado num período específico da história humana antes do fim.

139

### Os que “guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Ap 14:12)

Os defensores da TUG frequentemente citam Apocalipse 14:12 como uma descrição da última geração (ANDREASEN, 1983, p. 243), como a resposta de Deus às acusações de Satanás de que é impossível guardar a lei (ANDREASEN, 1983, p. 250). Andreasen, por exemplo, afirma que a última geração atingirá o estágio de “perfeição que Paulo disse não ter alcançado”, e usa Apocalipse 14:12 como texto-prova (ANDREASEN, 1948, p. 467-468). E Douglass (1974, p. 24) imagina Deus descrevendo a última geração com as seguintes palavras:

Aqui estão eles”, Deus diz, “Aqui está o que nós estávamos esperando. Aqui está o que eu tenho tentado fazer homens e mulheres entenderem por muito, muito tempo. Dê uma boa olhada nessas pessoas. Estes são meu povo. Esta é a maneira que eu queria que todos vivessem. Aqui estão eles - os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

O que ocorre com essa utilização de Apocalipse 14:12 é que, ao afirmar que Deus estava *esperando* por uma geração com essas características nunca antes alcançadas, os

proponentes da TUG afirmam algo que o texto não diz. O texto descreve os santos dos últimos dias, mas não faz nenhuma referência a algum tipo de “espera” de Deus.

### O “princípio da colheita”

O “princípio da colheita” é uma exposição da TUG por uma via diferente, supostamente bíblica, e não tão dependente de Ellen G. White. Foi popularizada por Douglass (1973, p. 6.) e baseia-se em Marcos 4:26-29 e Apocalipse 14:14-16. De acordo com essa teoria, quando os adventistas se tornarem “maduros” (justos) e “prontos para a colheita” (perfeitos em Cristo, a última geração) então Jesus voltará. Isso explicaria a demora da segunda vinda.

No entanto, a parábola da semente e o texto apocalíptico não trazem esse ensino específico (apesar de talvez permitirem tal aplicação). A sugestão de que o “amadurecimento” refere-se ao surgimento de uma última geração perfeita é uma sutil extrapolação que não brota naturalmente do texto bíblico. Aparentemente, o texto bíblico serve apenas como texto-prova de uma ideia previamente estabelecida.

### O problema da justaposição de textos

140

Um exemplo de argumentação favorável à TUG que utiliza uma justaposição de textos bíblicos não diretamente relacionados ao tema pode ser encontrado no final da obra de Clifford Goldstein (2005, p. 102-112.), *1844: uma explicação simples das principais profecias de Daniel*.

Para provar que a cruz não respondeu a todas as perguntas do universo a respeito do pecado, o grande conflito e a lei de Deus, Goldstein (2005, p. 94) cita Efésios 3:10-11 (“para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor”). Para ele, nem tudo o que as potestades nos lugares celestiais precisavam saber sobre a “multiforme sabedoria de Deus” foi revelado na cruz. Ele interpreta a “multiforme sabedoria” como sendo revelada pela vida perfeita da última geração. A comprovação bíblica é Efésios 2:10: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”. Assim, de acordo com essa compreensão, Deus usará duas coisas para revelar a multiforme sabedoria ao universo: o desenvolvimento do caráter de Seu povo (a última geração) e o juízo no céu (GOLDSTEIN, 2005, p. 101, 107).

Para defender a ideia de que a última geração terá participação decisiva na derrota final do diabo, pois nem tudo foi respondido no Calvário, a argumentação de Goldstein consiste em ligar vários textos: João 15:8; Mateus 5:16; 1 Coríntios 4:9; Romanos 16:19-20; Gênesis 3:15 (GOLDSTEIN, 2005, p. 95-96). Mas todos os textos mencionados falam aos cristãos em geral e em todos os tempos, e não de uma última



geração especial. Aplicar tais textos exclusivamente ao futuro surgimento de uma geração final de santos perfeitos é ir além do que está escrito.

Goldstein (2005, p. 98-99) cita Romanos 3:4 (“De maneira nenhuma! Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem, segundo está escrito: para seres justificado nas tuas palavras e venhas a vencer quando fores julgado”) como prova de que o próprio Deus está sendo julgado.<sup>5</sup> Essa é uma possível interpretação desse texto, mas o contexto deveria ser levado em conta a fim de trazer a lume o significado mais exato. Os versos 25 e 26 esclarecem que o sacrifício de Cristo é o grande argumento de Deus, e não o testemunho da última geração perfeita — é através do sangue de Jesus que Deus é considerado “justo e justificador”.

Ele também afirma que o “seu juízo” de Apocalipse 14:7 (“dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”) pode ser o julgamento universal pelo qual Deus está passando (GOLDSTEIN, 2005, p. 100). No entanto, na teologia adventista, a interpretação mais comum desse texto é que ele “se refere ao período geral em que o julgamento ocorrerá” (NICHOL, 1980, vol. 7, p. 916), o julgamento pré-advento, começando em 1844 e tendo como alvo primário pessoas e não o próprio Deus. Certamente o juízo pré-advento está relacionado à vindicação do caráter de Deus, mas os textos citados por Goldstein não afirmam isso explicitamente e nem estabelecem uma última geração de santos como a resposta definitiva.

Citando João 15:8, Goldstein ([s. d.], p. 62) argumenta que, se uma pessoa pode glorificar a Deus pelo desenvolvimento de seu caráter, quanto mais uma geração inteira o faria. Mas esse é um argumento meramente retórico, a teoria de que uma última geração de santos será essencial para a glória de Deus não surge claramente a partir da Bíblia ou dos escritos de Ellen G. White.

## O problema da autoridade normativa das Escrituras

De acordo com a TUG, “o assunto de maior relevância no universo não é a salvação dos homens [...]. O essencial é que o nome de Deus seja defendido das falsas acusações feitas por Satanás”. O grande conflito “decidir-se-á na vida do povo de Deus. Este em nós confia como confiou em Jó” (ANDREASEN, 1983, p. 258).

Se a justificação do próprio Deus é o assunto de maior relevância no universo e se isso acontecerá através da última geração, seria natural esperar que a Bíblia abordasse o tema com clareza, e que tal teoria fosse apoiada pelo consenso das Escrituras. No entanto, as afirmações mais fortes da TUG não são extraídas

.....

<sup>5</sup> O autor também usa Sl 51:4 (“[...]de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar”) para apoiar a ideia.

da Bíblia, mas de autores extra-bíblicos e textos de Ellen G. White.<sup>6</sup> E mesmo as conclusões a partir de textos de Ellen G. White são fruto de deduções e inferências em série, com sérios problemas hermenêuticos (como será demonstrado neste artigo) e fraco respaldo nas Escrituras.

Em sua pesquisa, Paul Evans (2010) demonstrou onde e como Andreasen e Ellen G. White concordam e discordam nesse assunto. E um dos pontos de discordância é justamente essa ênfase na “defesa de Deus” através da última geração. Evans demonstra que Andreasen está baseado mais em autores como E. J. Waggoner, A. T. Jones, e W. W. Prescott do que em Ellen G. White (EVANS, 2010, p. 320).

Assim, os conceitos de Andreasen seriam uma repetição de escritores pioneiros e uma extensão dos conceitos de Ellen G. White. E, em alguns pontos, Andreasen chegaria a contradizer Ellen G. White. Ou seja: Andreasen falou o que ela disse, falou mais do que ela disse, e também falou o contrário do que ela disse.

Traços dessa característica de ir além do que foi divinamente revelado podem ser observados em textos que tendem a sutilmente diminuir a importância da vida e obra dos escritores bíblicos diante da “nova luz” apresentada na TUG. Wieland e Short (proponentes da TUG), por exemplo, afirmam que a mensagem de 1888 (como eles a compreendem) é “uma concepção mais madura do “evangelho eterno” que jamais havia sido vista por qualquer geração anterior de seres humanos, uma pregação de ‘justificação pela fé’ mais madura e desenvolvida, e mais prática do que tinha sido pregada até mesmo pelo apóstolo Paulo” (WIELAND; SHORT, 1970, p. 50).<sup>7</sup> E segundo Andreasen (1948, p. 467-468), a última geração atingirá o estágio de “perfeição que Paulo disse não ter alcançado”. Dessa forma, o apóstolo Paulo não teria sabido, nem pregado e nem vivido o que ensina a “Teologia da Última Geração”.

142

.....  
<sup>6</sup> Apesar de Andreasen citar diretamente Ellen G. White apenas uma vez no capítulo “A última geração” (p. 257), é notória a sua dependência dos escritos dela (ver KNIGHT, 2005, p. 154).

<sup>7</sup> Apesar da forte declaração, os autores esclarecem que “Isso não quer dizer que os mensageiros de 1888 foram maiores do que Paulo, Lutero, Wesley, ou qualquer outra pessoa, nem que eles eram pesquisadores mais aguçados e brilhantes. Quer dizer que a mensagem que eles trouxeram foi a mensagem do Terceiro anjo em verdade, e, portanto, uma compreensão da justificação pela fé paralela e coerentes com a doutrina adventista da purificação do santuário, uma mensagem de que, se permitido seu livre curso pela aceitação e desenvolvimento, teria preparado um povo para encontrar o Senhor, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, irrepreensíveis diante do trono de Deus, uma mensagem destinada pelo seu Divino Autor para amadurecer as primícias para Deus e para o Cordeiro, os 144.000” (p. 50)



## Leitura seletiva de Ellen G. White

A TUG é fortemente dependente de leituras enviesadas de textos de Ellen G. White.<sup>8</sup> Caracteriza-se por uma abordagem seletiva e indutiva, que não busca a harmonização de textos aparentemente discordantes, ignora os textos que não favorecem a sua ideia e “sempre fica apenas com partes do completo quebra-cabeça” (MUELLER, 2000, p. 22).

O pesquisador de Ellen G. White que lança mão de leituras seletivas geralmente compila citações isoladas para justificar uma ideia, mas isso não é sinônimo de ter a verdade (KNIGHT, 1997, p. 66). O mais seguro é levar em conta tudo o que Ellen G. White escreveu (KNIGHT, 1997, p. 69), e verificar se a conclusão está em harmonia com o teor geral dos seus escritos. A leitura seletiva se manifesta nas obras que apresentam a TUG nas formas que serão apresentadas a seguir.

### Ênfases desequilibradas

A primeira forma de leitura seletiva é a ênfase exagerada na última geração como a figura central da vindicação universal de Deus em detrimento de Cristo, e o foco exacerbado a respeito da vida no tempo de angústia, em lugar de uma preparação hoje para tal tempo.

143

### *Cristo ou a Última Geração?*

Em lugar de uma última geração de santos, Ellen G. White identifica várias vezes, e muito claramente, Cristo como aquele que *já* vindicou o caráter e a lei de Deus através de Sua vida e morte. Segundo ela, diante da acusação de Satanás de que a lei divina não podia ser obedecida, “por Sua vida e morte, provou Cristo que a justiça divina não destrói a misericórdia, mas que o pecado pode ser perdoado, e que a lei é justa, sendo possível obedecer-lhe perfeitamente. *As acusações de Satanás foram refutadas*” (WHITE, 1990, p. 540-541, grifo nosso).

Jesus veio patentear o engano satânico, dar exemplo de obediência e provar ser possível obedecer à lei de Deus (WHITE, 1990, p. 12). “Por meio da obra redentora de Cristo, *o governo de Deus fica justificado*. [...] *As acusações de Satanás são refutadas*, e revelado seu caráter” (WHITE, 1990, p. 14, grifo nosso). Isso ocorre por meio de Cristo e não de uma geração de pessoas perfeitas e impecáveis.

.....

<sup>8</sup> Knight afirma que é preciso uma mente aberta para compreender corretamente os textos de Ellen G. White. Ninguém é completamente “mente aberta”, e ninguém está livre de pressuposições ou vieses. Mas o viés não pode nos controlar (KNIGHT, 1997, p. 43).

Como Andreasen (1983, p. 258), Ellen G. White também ensina que o plano da redenção “tinha um propósito ainda mais amplo e profundo que a salvação do homem” (WHITE, 1995, p. 68). No entanto, em vez de apresentar a última geração como resposta, como faz Andreasen, White (WHITE, 1995, p. 68) enfatiza que a resposta definitiva é Cristo, que veio à Terra para “considerar a lei de Deus como devia ser considerada” e “reivindicar o caráter de Deus perante o Universo”. Segundo White (Manuscrito 128, 1897 apud KNIGHT, 2008, p. 478), “a morte de Cristo provou que a administração e o governo de Deus não têm mácula nenhuma. A acusação de Satanás em relação aos conflitantes atributos de justiça e misericórdia foi para sempre resolvida de uma vez por todas”.

Diante disso, qual seria a necessidade de se enfatizar a existência de uma última geração perfeita e obediente para refutar o que já foi refutado e provar o que já foi provado? Jesus é a grande demonstração de obediência. Ele já provou que Satanás está errado em suas acusações.

De fato, como propõe a TUG, Ellen G. White ensina que Deus também é vindicado e honrado através de seu povo, mas ela não aponta a última geração de fiéis como o meio exclusivo ou especial através do qual isso ocorre. A fidelidade da igreja é um argumento a mais, e não o único ou mais importante. A pureza e perfeição de Seu povo é (já no presente) o “suplemento de Sua glória, sendo Ele mesmo o grande Centro” (WHITE, 1990, p. 482).

Ellen G. White considera a cruz como o centro da vindicação de Deus diante do universo, e não apresenta Deus como dependente de uma futura demonstração final de fidelidade por parte de Seu povo. Ela chega mesmo a afirmar que, se a igreja falhar, anjos poderiam pregar. Deus não é dependente da igreja.<sup>9</sup> E, mesmo no fim, Deus será vindicado por sua própria iniciativa, Ele mesmo vai “interferir e vindicar Sua própria honra” (WHITE, 1948, p. 207; WHITE, 1897).

A TUG ensina que a cruz não respondeu a todas as perguntas do universo a respeito da lei de Deus (GOLDSTEIN, 2005, p. 94). Mas Ellen G. White (Manuscrito 58, 1897 apud KNIGHT, 2008, p. 479) apresenta a vida e morte de Cristo como “o argumento convincente e eterno”, o “inexplicável argumento” (WHITE apud KNIGHT, 2008, p. 478), removendo “cada argumento que Satanás pudesse levantar” sobre a lei (WHITE, 1912, p. 11), colocando de lado “cada uma das alegações” de Satanás

.....

<sup>9</sup> “os anjos farão uma obra que os homens poderiam haver tido a bênção de realizar, não houvessem eles negligenciado atender aos reclamos de Deus” (WHITE, 2001, p. 118).



(WHITE, 1912, p. 11). Quaisquer questões que permaneçam sem resposta após a cruz são de natureza suplementar, não essencial para a vindicação de Deus.

*Foco no preparo presente ou no desempenho durante o tempo de angústia?*

Tanto Ellen G. White quanto os expositores da TUG descrevem a angústia dos santos durante a tribulação como sendo terrível. E Andreasen diz que, na tribulação final, os crentes passam com Cristo “através do Getsêmani”.<sup>10</sup> No entanto, o foco de Ellen G. White parece estar na atual preparação dos crentes para passarem pela prova e serem salvos. Por sua vez, Andreasen focaliza mais o próprio período de angústia, e o conceito da teodiceia, da vindicação do caráter de Deus em vez da salvação dos crentes (EVANS, 2010, p. 301-302). Para ele, “o assunto de maior relevância no universo não é a salvação dos homens”, mas a vindicação de Deus, que ocorrerá na última geração (ANDREASEN, 1983, p. 258). Essa é uma importante diferença de ênfase entre a TUG e Ellen G. White.

Outra diferença de ênfase está no uso de Jó como figura da última geração, figura dos 144 mil na TUG (ANDREASEN, 1983, p. 251-253). Ellen G. White apresenta a figura de Jó sob um prisma ligeiramente diferente, como um exemplo de testemunha utilizada por Deus no grande conflito com Satanás *ao longo das eras*, não apenas no fim (EVANS, 2010, p. 317).

Não existe, nos textos de Ellen G. White, nenhuma sugestão de que o povo de Deus ficará só, abandonado por Deus no tempo de angústia:

Os assaltos de Satanás são cruéis e decididos, seus enganos, terríveis; mas os *olhos do Senhor estão sobre o Seu povo, e Seu ouvido escuta-lhes os clamores*. [...] O amor de Deus para com os Seus filhos durante o período de sua mais intensa prova, é tão forte e terno como nos dias de sua mais radiante prosperidade (WHITE, 1988, p. 621, grifo nosso).

A preocupação com o tempo de angústia deve ser encarada com a promessa de que Deus guardará os fieis. Ele tomará providências. Nesse contexto, Ellen G. White (WHITE, 1988, p. 619) aplica a promessa “Eu te guardarei da hora da tentação que há

.....

<sup>10</sup> Curiosamente, o perfeccionismo pré-lapsariano do movimento da Carne Santa também ensinava que os crentes deveriam passar por uma experiência do Getsêmani para atingira a perfeição e estarem prontos para a trasladação. Essa é uma evidência de que é possível chegar ao perfeccionismo por vários caminhos teológicos. Sobre isso, leia o levantamento histórico do perfeccionismo em Santos (2008, p. 109-128).

de vir sobre todo o mundo” (Ap 3:10). Deus cuidará, Ele “enviará Seus anjos para a animar e proteger, no tempo de perigo” (WHITE, 1988, p. 621).

O final do Salmo 91 tem uma aplicação escatológica nos escritos de Ellen G. White. Deus guardará o seu povo no tempo de angústia: “Estarei com ele *na angústia*, livrá-lo-ei, e o glorificarei” (Sl 91:15) Ellen G. White (ver 1977, p. 181; 2011, p. 538; 1995, p. 110; 1988, p. 630) aplica o Salmo 91 à experiência do povo que passará pelo tempo de angústia.

Diante dessa promessa, o povo de Deus não deve preocupar-se demasiadamente com esse tempo futuro, mas com o preparo *hoje*.<sup>11</sup> Ninguém precisa antecipar nenhum tipo de angústia, sofrendo de antemão.<sup>12</sup> A preocupação do povo de Deus não deve ser do tipo “o que acontecerá comigo se eu pecar no tempo de angústia?”<sup>13</sup>

### Omissão de textos importantes, mas desfavoráveis

Em geral, o uso da Bíblia nos conteúdos mais contundentes da TUG é relativamente pequeno. Verifica-se a presença predominante da abordagem “texto-prova” e do uso homilético da Bíblia. Além disso, mesmo pretendendo basearem-se nos escritos de Ellen G. White, em suas declarações mais fortes, as exposições da TUG omitem inúmeros textos que falam diretamente do assunto. Ao omitir textos desfavoráveis às suas conclusões, a TUG pinta um quadro distorcido da posição de Ellen G. White sobre o tema.

### As várias acusações de Satanás

Segundo Andreasen (1983, 151), a última geração “eliminará *qualquer* acusação que Satanás tenha apresentado” contra Deus. Mas os defensores da TUG apresentam

.....  
<sup>11</sup> “Qual é a vossa situação diante de Deus, *hoje*? A questão não é: Como subsistireis no *dia de angústia* ou em alguma ocasião futura?, e sim: Como vai vossa alma *hoje*? Ireis trabalhar *hoje*? Precisamos de uma experiência pessoal e individual neste dia. Necessitamos hoje de que Cristo permaneça conosco” (WHITE, 1889).

<sup>12</sup> “Agora desejo ler outra passagem: ‘Não andeis ansiosos de coisa alguma.’ Filip. 4:6. Que quer isto dizer? - Ora, não atravessei uma ponte antes de chegar a ela. Não forjeis um tempo de angústia antes que venha. Chegareis a ele bastante cedo, irmãos. Devemos pensar no dia de *hoje*, e se cumprirmos bem os deveres de *hoje*, estaremos prontos para os deveres de amanhã” (WHITE, 1989, p. 470, grifo nosso).

<sup>13</sup> “Viva a vida de fé dia após dia. *Não fique ansioso e angustiado com o tempo de angústia*, e assim ter um tempo de angústia antecipadamente. Não fico pensando: ‘Eu temo que não subsistirei no grande dia de prova.’ Você [deve] viver para o presente, apenas para esse dia. O amanhã não é seu. Hoje você tem que manter a vitória sobre si mesmo” (WHITE, 1887).



certa seletividade na escolha dos textos que se referem à acusação que Satanás faz a Deus sobre a obediência à Sua lei. Aparentemente, um problema foi escolhido de forma arbitrária (a acusação satânica de que ninguém consegue observar a lei), e tal problema é elevado a um pedestal de máxima importância. O fato é que existem várias outras acusações de Satanás que não são abordadas pelos defensores da TUG.

Por exemplo, Satanás declarou que os princípios de Deus tornavam impossível o perdão (WHITE, 1990, p. 22). Satanás também tem acusado Deus de ser egoísta e opressor, que pede tudo para Sua própria glória e não dá nada, e não faz nenhum sacrifício em favor de Suas criaturas (WHITE, 1990, p. 31).<sup>14</sup> Satanás acusou a justiça da lei divina de ser um inimigo da paz (WHITE, 1990, p. 540). Nenhuma dessas acusações pode ser respondida pela fidelidade da última geração de cristãos, o que torna um exagero a afirmação de Andreasen de que a última geração “eliminará qualquer acusação” satânica.

Ellen G. White (1990, p. 539) reúne várias acusações satânicas aqui:

No início do grande conflito, declarara Satanás que a lei divina não podia ser obedecida, que a justiça era incompatível com a misericórdia, e que, fosse a lei violada, impossível seria ao pecador ser perdoado. [...] O Senhor não podia ser justo, argumentava, e ainda mostrar misericórdia ao pecador.

147

Todas essas acusações são respondidas em Cristo,<sup>15</sup> e a maioria delas não pode ser respondida pela vida perfeita da última geração. Assim, a alegação de que a última geração “eliminará *qualquer* acusação de Satanás” (ANDREASEN, 1983, p. 151) torna-se fortemente questionável.

Durante o selamento, Satanás acusa fortemente a Deus de injustiça e favoritismo, perguntando:

São estes [...] o povo que deve tomar o meu lugar no Céu, e o lugar dos anjos que se uniram a mim? Eles professam obedecer à lei de Deus; mas têm guardado os seus preceitos? Não têm sido eles amantes do eu mais que amantes de Deus? Não têm colocado

.....

<sup>14</sup> Como a acusação de que é impossível obedecer à lei, essa acusação também já foi respondida em Cristo: “Mas o dom de Cristo revela o coração do Pai” (p. 31).

<sup>15</sup> “Por Sua vida e morte, provou Cristo que a justiça divina não destrói a misericórdia, mas que o pecado pode ser perdoado, e que a lei é justa, sendo possível obedecer-lhe perfeitamente. As acusações de Satanás foram refutadas. Deus dera ao homem inequívoca prova de amor” (WHITE, 1990, p. 541).



seus próprios interesses acima do Seu serviço? Não têm amado as coisas do mundo? Contemplai os pecados que têm marcado suas vidas. Vede seu egoísmo, sua malícia, o ódio de uns aos outros. Banirá Deus a mim e aos meus anjos de Sua presença, e no entanto recompensará aos que têm sido culpados dos mesmos pecados? Tu não podes, ó Senhor, com justiça, fazer isto. A justiça reclama que a sentença seja pronunciada contra eles (WHITE, 2011, p. 300).

Durante o tempo de angústia, Satanás levanta a acusação de que os pecados do povo de Deus tornam-no “tão merecedor como ele mesmo da exclusão do favor de Deus. Declara que com justiça o Senhor não pode perdoar-lhes os pecados, e, no entanto, destruir a ele e seus anjos. Reclama-os como sua presa, e pede que sejam entregues em suas mãos para os destruir” (WHITE, 1988, p. 618).

A última geração não poderá responder a todas as acusações de Satanás apenas com seu comportamento impecável. Jesus é a resposta, o argumento irrefutável contra todas as acusações de Satanás.<sup>16</sup> Essa é a ênfase de Ellen G. White. No entanto, essas outras acusações de Satanás não são comumente apresentadas pelos defensores da TUG, que insistem em apresentar quase que exclusivamente o problema da obediência impossível. Ao omitir tais questões, a TUG apresenta um quadro parcial que ofusca o papel central de Cristo na vindicação do caráter de Deus e Sua lei, e gera uma teoria que pode facilmente cair numa exagerada centralização do homem.

#### *Outras gerações já demonstraram obediência e vindicaram a lei de Deus*

Outro aspecto importante, mas geralmente omitido nas exposições da TUG, é que em vez de enfatizar a vindicação de Deus apenas no futuro, com a última geração, Ellen G. White (WHITE, 1948, v. 3, p. 574) a apresenta já no presente, quando os adventistas são chamados para “preservar a honra da causa de Deus e vindicar Sua verdade”. Ela relata a experiência de adventistas contemporâneos seus que foram “zelosos e dedicados a vindicar a honra de Deus” (WHITE, 1948, v. 4, p. 593, grifo nosso).

Diferentemente de Ellen G. White, a TUG apresenta Jó como figura da última geração, os 144 mil (ANDREASEN, 1983, p. 251-253). Ellen G. White não faz isso. Ela aponta Jó como um exemplo de testemunha utilizada por Deus no grande conflito com Satanás ao longo das eras, não apenas no fim. Se Jó é figura, então a última geração

.....  
<sup>16</sup> Vivendo “uma vida de obediência”, Jesus provou a falsidade das acusações e cumpriu a missão de “vindicar os sagrados reclamos da lei” (WHITE, 1948, p. 207-208). Falando sobre Cristo, afirma que “no juízo, Sua vida será um argumento irrefutável em favor da lei de Deus [...] vindicando a justiça de Deus [...]” (WHITE, 1968, p. 38).



*repetirá* o seu feito, o que contraria qualquer sugestão de que a última geração fará o que nunca foi feito.

Outro fato geralmente omitido ou subestimado nas exposições da TUG é que Ellen G. White apresenta Enoque como uma evidência *já fornecida* de que a lei pode ser obedecida. Ele foi escolhido para mostrar ao mundo que é possível para uma pessoa guardar toda a lei de Deus e demonstrar ao universo “a falsidade das acusações de Satanás de que seres humanos não podem guardar a lei de Deus” (WHITE, 2002, p. 51).

Segundo Ellen G. White (2012, p. 31-32),

Enoque e Elias são representantes corretos do que a vida pode ser, por meio da fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Satanás ficou grandemente perturbado porque estes homens nobres e santos eram imaculados no meio da corrupção que os cercava, formando caráter perfeitamente justo e sendo considerados dignos da transladação para o Céu.

Além deles, em *cada geração desde Adão* (WHITE, 2012, p. 31) há aqueles que têm resistido aos artifícios de Satanás e “permanecido como nobres representantes daquilo que o homem em seu poder é capaz de fazer e ser, enquanto Cristo coopera com os esforços humanos para ajudar o homem a sobrepujar o poder de Satanás” (WHITE, 2012, p. 31).

Dessa forma, com o acúmulo do número desses “poucos de cada geração”, Deus já possui um rol significativo de pessoas que demonstraram a falsidade da acusação de Satanás. Os “poucos” fiéis de cada geração, Enoque e Elias (além do próprio Cristo) já demonstraram que a lei pode ser obedecida, refutando as acusações de Satanás.

## Fraquezas e impurezas na Última Geração

Ellen G. White ensina que a última geração experimentará *completa* vitória sobre o pecado? É preciso ter cuidado com as palavras (uma boa parte da discussão é semântica). Se “completa” incluir a erradicação da natureza pecaminosa, a resposta é não. Segundo Ellen G. White, esse tipo de vitória completa só ocorrerá na glorificação.<sup>17</sup> No entanto, num sentido não tão absoluto, é fácil demonstrar que Ellen G. White estabelece um tipo de vitória sobre o pecado como uma das

.....

<sup>17</sup> “Não podemos dizer: ‘Sou sem pecado’, até que seja transformado este corpo abatido, para ser igual ao corpo da Sua glória” (WHITE, 1987, p. 355).

características dos santos da última da geração. E ela coloca essa vitória sobre o pecado antes do fechamento da porta da graça.<sup>18</sup>

Esse ponto mereceria um aprofundamento. Mas, por questão de espaço, basta dizer aqui que nesse período de angústia ainda há uma obra de *purificação*, apesar dos justos serem santos. Ellen G. White refere-se às “*fraquezas*”<sup>19</sup> dos justos, e usa expressões como “refinar”, “purificar” e “provar no fogo” para descrever a passagem dos santos pelo tempo de angústia.<sup>20</sup>

Nesse período, alguns justos *aprenderão lições de fé* que tinham negligenciado:

Os que agora exercem *pouca fé*, correm maior perigo de cair sob o poder dos enganos de Satanás, e do decreto que violentará a consciência. E mesmo resistindo à prova, serão imersos em uma agonia e aflição mais profundas no tempo de angústia, porque *nunca adquiriram o hábito de confiar em Deus*. As lições da fé as quais *negligenciaram*, serão obrigados a aprender sob a pressão terrível do desânimo (WHITE, 1988, p. 622).

150

Essas declarações revelam que alguns dos santos da última geração vão precisar crescer na fé após o fechamento da graça, o que irá criar para eles maior angústia e aflição.<sup>21</sup> Obviamente, esta condição descrita por Ellen G. White nega qualquer sugestão de que a última geração terá alcançado a perfeição *absoluta* durante o tempo de angústia.

Ao descrever a última geração, Ellen G. White e a TUG o fazem de maneira diferente. Ellen G. White (WHITE, 1988, p. 618) apresenta o grupo positivamente, como vencedor sobre o pecado, mas abre espaço para contínuo desenvolvimento e luta com características como “fraqueza e indignidade”. E é justamente a consciência de sua própria indignidade que lhes tornará a prova mais terrível (WHITE, 1988, p. 618).

A natureza pecaminosa se manifesta nos santos enquanto ainda não são glorificados, pois mesmo uma vida *irrepreensível* pode apresentar algum tipo de

.....

<sup>18</sup> Como uma condição para receber a chuva serôdia (WHITE, 1948, p. 214).

<sup>19</sup> “Aquele que vê todas as suas *fraquezas*, e sabe de toda provação, está acima de todo o poder terrestre; e anjos virão a eles nas celas solitárias, trazendo luz e paz do Céu” (WHITE, 1988, p. 627).

<sup>20</sup> “mas Aquele que os *refina e purifica*, os apresentará como ouro provado no fogo.” Ela acrescenta que “é necessário passarem pela fornalha de fogo; *sua natureza terrena deve ser consumida* para que a imagem de Cristo possa refletir-se perfeitamente” (WHITE, 1988, p. 621).

<sup>21</sup> Uma fé deficiente não pode representar um estado de impecabilidade: “A falta de amor e fé são os grandes pecados dos quais o povo de Deus agora são culpados” (WHITE, 1948, v. 3, p. 475).



*defeito*,<sup>22</sup> e mesmo quem está *vestido com a justiça de Cristo* pode cometer erros, ainda que odeie o pecado e não tenha prazer nele.<sup>23</sup>

Assim, em vez de enfatizar a habilidade da última geração de viver sem pecar, Ellen G. White enfatiza a capacidade dos últimos crentes de manter a fé e a confiança em Deus.

Se a TUG estiver correta, seria preciso abrir exceções nos textos em que Ellen G. White (1987, p. 355) afirma que “não podemos dizer: ‘Sou sem pecado’, até que seja transformado este corpo abatido, para ser igual ao corpo da Sua glória”. Ninguém, exceto a última geração, segundo a TUG. E a última geração seria uma exceção à afirmação de Ellen G. White que “enquanto durar a vida não haverá ocasião de repouso, nenhum ponto a que possamos atingir e dizer: ‘Alcansei tudo completamente’” (WHITE, 2007, p. 560-561).

Assim, ao enfatizar o processo de santificação, os defensores da TUG deveriam deixar claro que o final desse processo é a glorificação na segunda vinda de Cristo, não o surgimento da última geração e o fechamento da porta da graça.

## Utilização do “método texto-prova”

151

O “método texto-prova” consiste em utilizar um texto descontextualizado como mero instrumento para validar uma ideia preconcebida. Antes de se questionar o que o autor de fato quer dizer, as respostas já foram dadas, e serão apenas selecionadas e coletadas no texto. O texto é utilizado apenas para comprovar, e não para se extrair dele o que de fato está lá. Isso ocorre com relação à pesquisa bíblica e também com o uso dos escritos de Ellen G. White.<sup>24</sup>

O “método texto-prova” foi reprovado por Ellen G. White (2000, p. 112): “Se você examina as Escrituras para justificar suas próprias opiniões, nunca alcançará a verdade. Investigue para aprender o que o Senhor diz”. O pesquisador de Ellen G.

.....

<sup>22</sup> “Aqueles que estão realmente buscando o perfeito caráter cristão jamais condescenderão com o pensamento de que estão sem pecado. *Sua vida pode ser irrepreensível*; podem estar vivendo como representantes da verdade que aceitaram; porém, quanto mais consagram a mente para se demorar no caráter de Cristo e mais se aproximam de Sua divina imagem, tanto mais claramente discernirão Sua imaculada perfeição e mais profundamente sentirão *seus próprios defeitos*” (WHITE 2006, p. 7-8).

<sup>23</sup> “Quando estivermos *revestidos da justiça de Cristo*, não teremos o menor prazer no pecado; pois Ele estará trabalhando conosco. *Poderemos cometer erros*, mas odiaremos o pecado que causou os sofrimentos do Filho de Deus” (WHITE, 2003, p. 338).

<sup>24</sup> Para uma análise da presença do “método texto-prova” na teologia adventista ver Malheiros (2014, p. 65-90).

White deve sempre buscar a evidência plena, tudo o que está disponível sobre o assunto pesquisado (KNIGHT, 1997, p. 44).

A TUG utiliza o “método texto-prova” com a Bíblia e com os escritos de Ellen G. White. O “princípio da colheita”, por exemplo, não aparece naturalmente como o resultado de uma leitura sadia da Bíblia. Seus proponentes frequentemente vão além do que está escrito, e citam textos bíblicos apenas para confirmar a teoria ou adorná-la com ilustrações.

O mesmo ocorre com a citação de textos de Ellen G. White, pois, ao defenderem sua posição, os proponentes da TUG começam a ver referências à última geração até onde não há nenhuma. Vários textos referentes à igreja cristã de todas as eras são citados como se estivessem falando apenas da última geração (WHITE, 2000, p. 28-29). Quando, por exemplo, Ellen G. White (1990, p. 671) escreve que “a honra de Deus, a honra de Cristo, acha-se envolvida no aperfeiçoamento *do caráter de Seu povo*”, ela não está sugerindo que isso deve ocorrer apenas na última geração, mas na vida dos crentes em geral, em todos os tempos.<sup>25</sup>

Goldstein, por exemplo, extrai dos escritos de Ellen G. White (WHITE, 2007, p. 7) a expressão “final e ampla demonstração” e a aplica à última geração. Aparentemente essa é uma aplicação correta, já que o texto diz que “pela igreja será, a seu tempo, manifesta, mesmo aos ‘principados e potestades nos céus’ (Ef 3:10), a final e ampla demonstração do amor de Deus” (WHITE, 2007, p. 7). No entanto, o texto, quando tomado em seu contexto mais amplo, fala a respeito da igreja “desde o princípio” (WHITE, 2007, p. 7), e coloca sobre esses “membros da igreja” (WHITE, 2007, p. 7) a responsabilidade de manifestar a glória de Deus. Assim, apesar de fazer referência à demonstração “final”, o texto abarca a igreja de todos os tempos.

Utilizar trechos isolados dos escritos de Ellen G. White como texto-prova da TUG dá a falsa impressão de que Ellen G. White escreveu conteúdos especiais sobre a última geração e seu papel na vindicação divina. O leitor da TUG pode acabar acreditando que a perfeição da última geração é tão importante para Ellen G. White quanto para os autores da TUG, pois ela teria escrito bastante sobre isso, o que não é verdade.

Quando ela escreve, por exemplo, que “o Senhor deseja refutar *por meio de Seu povo* as acusações do diabo, mostrando os resultados da obediência a justos princípios” (WHITE, 2000, p. 296), novamente o contexto é generalizado, o que transparece nas expressões “à igreja desta geração”, os “filhos de Deus”, “o povo escolhido de Deus”, os “irmãos” e “os que trabalham fielmente”.

.....

<sup>25</sup> Isso fica claro quando se percebe que não há no contexto nenhuma referência à última geração, mas aos “discípulos” e a “nós”, e também no uso generalizado que Ellen G. White faz de expressões como “Seu povo”, “o crente”, “Sua igreja”, “na humanidade” (WHITE, 1990, p. 671-672).



Além disso, não há nenhuma referência à última geração nesse contexto, mas um apelo para que os justos princípios se manifestem

no cristão individual, na família, na igreja, e em toda instituição estabelecida para o serviço de Deus. *Todos* devem ser símbolos do que pode ser feito para o mundo. [*Todos*] Devem ser tipos do poder salvador das verdades do evangelho. *Todos* são instrumentos para o cumprimento do grande propósito de Deus para a raça humana (WHITE, 2000, p. 296-297).

Quando Ellen G. White (2007, p. 334) afirma que “todo o Céu está à espera de homens e mulheres por cujo intermédio possa Deus revelar o poder do cristianismo”, ela se refere genericamente “à igreja” e a “cada membro” (WHITE, 2007, p. 334). Se apenas a última geração tivesse essa responsabilidade, então apenas a última geração seria verdadeiramente o “povo de Deus” e “a igreja”. Ao utilizar tais textos como “textos-prova” da TUG, perde-se o sentido original pretendido pela autora.

153

## Apresentação de temas em Perspectivas equivocadas

Outro problema relacionado às exposições da TUG é o da promoção de temas e textos periféricos à posição central. A Bíblia e Ellen G. White apresentam o importante aspecto da “vindicação divina” no grande conflito, mas a TUG torna isso central, tão importante quanto a morte de Cristo. De fato, Andreasen (1983, p. 258) afirma que esse é “o assunto de maior relevância do Universo”. E, como na TUG essa vindicação ocorrerá através da última geração, a perfeição humana acaba se tornando, conseqüentemente, o tema essencial.<sup>26</sup>

A utilização de superlativos para descrever a última geração revela o problema da perspectiva. Para a TUG, a última geração será a “maior demonstração” de obediência (ANDREASEN, 1983, p. 251), a “manifestação suprema” (ANDREASEN, 1983, p. 255), a “demonstração mais vasta e concludente de todas as épocas” (ANDREASEN, 1983, p. 244). No capítulo “A última geração”, de seu livro *O ritual do santuário*, Andreasen (1983, p. 244) dedica inúmeros adjetivos para descrever a última geração, e apenas uma vez ele afirma que a demonstração de Cristo foi superior. Mesmo assim há uma

.....

<sup>26</sup> Na perspectiva correta, a vindicação divina ocorre através da vida, morte e ministério de Cristo, este sim um tema essencial.

declaração que sugere o contrário, dando a impressão de que a última geração fará uma demonstração superior à de Cristo:

O Filho de Deus, em Sua própria pessoa, enfrentou as acusações de Satanás e demonstrou que eram falsas. *A manifestação suprema foi reservada para a contenda final.* Da última geração Deus elegerá Seus escolhidos [...] e, por seu intermédio, fará Sua demonstração (ANDREASEN, 1983, p. 255).

George Knight (1997, p. 46) descreve esse fenômeno como “teologia das bordas”. Obscurecer os temas teológicos centrais e supervalorizar temas periféricos levam a distorções e ênfases não encontradas nos escritos inspirados originais (KNIGHT, 1997, p. 46). O pesquisador dos escritos de Ellen G. White deve manter os temas na perspectiva correta. Focalizar temas não essenciais a partir de leituras seletivas, em detrimento de temas centrais, pode gerar desequilíbrio e fanatismo (KNIGHT, 1997, p. 50).

154 O papel da última geração no grande conflito é supervalorizado na TUG, tornando Deus dependente da última geração para superar Satanás e cumprir a missão. Mas Ellen G. White não dá essa ênfase; pelo contrário, apresenta Deus como soberano e não dependente da igreja.<sup>27</sup> Assim, a TUG é exatamente uma “teologia das bordas” que se tornou central, por tomar um elemento dos escritos de Ellen G. White (a última geração) e apresentá-lo numa perspectiva diferente da que a própria autora apresenta.

## Problemas semânticos

Algumas expressões de Ellen G. White ligadas à última geração e ao tempo de angústia podem causar confusão quando lidas sem a devida consideração ao contexto e ao teor geral de seus escritos.

### Viver “sem intercessor”

Um dos temas relacionados à TUG que mais causam confusão é a afirmação de Ellen G. White de que no tempo de angústia os crentes terão que viver diante

.....  
<sup>27</sup> “os anjos farão uma obra que os homens poderiam haver tido a bênção de realizar, não houvessem eles negligenciado atender aos reclamos de Deus” (WHITE, 2001, p. 118).



de um Deus santo sem intercessor. Sobre isso, este artigo fará algumas reflexões com foco na hermenêutica.

### *Ellen G. White realmente afirma isso*

É preciso admitir que Ellen G. White realmente afirma que, no tempo de angústia, os justos (e não apenas os ímpios) viverão sem intercessor.<sup>28</sup> Para combater o perfeccionismo não é necessário negar as palavras de Ellen G. White, e sim entendê-las. É inegável que Ellen G. White escreveu que a geração final, após o fechamento da porta da graça, estará diante de um Deus santo, sem intercessor. Ela se refere aos justos, e repete a ideia diversas vezes em termos semelhantes (WHITE, 1988, p. 416, 425, 613, 627, 648-649).

Essas declarações não são ambíguas nem problemáticas, e a Bíblia apoia a ideia. A intercessão de Cristo no santuário vai cessar em algum momento? Sim, pois ele deve ser concluído antes da segunda vinda, porque naquele momento Jesus volta à Terra para dar a recompensa de acordo com o resultado do juízo pré-advento. Nesse momento, cumpre-se o que está escrito: “Quem é injusto, faça injustiça ainda: e quem está sujo, suje-se ainda: e quem é justo, faça justiça ainda: e quem é santo, santifique-se ainda. E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra” (Ap 22:11, 12).

A TUG pode apresentar vários pontos polêmicos, mas certamente o fato de “viver sem um intercessor” durante o tempo de angústia não é um deles. A questão é entender corretamente o significado de “viver sem intercessor”.

### *O significado de “viver sem intercessor”*

De alguma forma, convencionou-se entender que “viver sem intercessor” significa viver sozinho, abandonado, por conta própria, o que é um absurdo. O debate muitas vezes gira em torno da má compreensão generalizada dessa expressão. O sentido de “viver sem intercessor” é ‘esticado’ desnecessariamente.

Viver sem intercessor refere-se exclusivamente à obra de Cristo no santuário, e não à sua presença com seu povo ou seu cuidado por ele. É viver sem a obra de um intercessor para perdão de pecados e não sem a sua pessoa ou sem o seu auxílio.

Viver sem intercessor não significa estar desamparado, abandonado. Significa que o caso foi encerrado definitivamente, e não haverá mais mudança de

.....

<sup>28</sup> E para explicar o “viver sem intercessor” não adianta dizer que “o Espírito também intercede por nós”. A intercessão do Espírito e a de Cristo são diferentes, e Ellen G. White refere-se claramente à intercessão de Cristo nesses textos (WHITE, 1988, p. 425).

lado, transferência de lealdade. O caráter já vai estar fixado.<sup>29</sup> O veredito não pode ser mais invertido.

Durante este tempo, os maus estarão para sempre fixados na maldade e nunca vão alterar a sua posição. Os justos, por outro lado, são vedados e moldados de tal maneira que também nunca mais irão mudar a sua posição de fidelidade. “Cada caso fora decidido para a vida ou para a morte” (WHITE, 1999, p. 280).

Por causa dessa posição imutável e irrevogável diante de Deus, não há mais *necessidade* de Cristo interceder junto a Deus para a salvação ou redenção dos justos. Por isso Jesus não vai ser um intercessor para ninguém.

E não há contradição entre o fim da intercessão de Cristo e sua promessa de estar com a igreja todos os dias até o fim do mundo (Mt 28:20), pois são aspectos diferentes do ministério de Cristo. Ele continua protegendo e sustentando o Seu povo, mesmo que a intercessão para o perdão de pecados não seja mais necessária.

Assim, viver sem um intercessor não significa “salvação centrada no homem”. Viver sem um intercessor não significa “não precisar mais de Cristo”, nem “vencer independentemente de Cristo”, e muito menos “viver sem um Salvador”.

156

## O significado de “estar por si mesmo”

Ellen G. White escreveu que, no tempo de angústia, “toda alma deverá *por si mesma* estar em pé perante Deus. ‘Ainda que Noé, Daniel e Jó estivessem na Terra, vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que nem filho nem filha eles livrariam, mas só livrariam as suas próprias almas pela sua justiça.’ Ezequiel 14:20” (WHITE, 1988, p. 622-623).

O significado de “por si mesmo” é “individualmente”, e não “por conta própria” ou “independente de Deus”. Significa que ninguém vai responder por outros, apenas por si. M. L. Andreasen (1983, p. 253) ajudou a criar a confusão ao escrever:

privados de todo apoio humano; satanás terá permissão de atormentá-los. Além disso, o Espírito de Deus se retirará da terra, e será eliminada a proteção dos governos terrestres. *O povo de Deus ficará só* para combater contra as potestades das trevas. Estará perplexo como Jó. Mas, como ele, se manterá firme em sua integridade.

Não fica claro o sentido de “o povo de Deus ficará só”. E a afirmação “o Espírito de Deus se retirará da terra” dá a impressão de que o povo de Deus vai estar por conta

.....

<sup>29</sup> “A vinda de Cristo não nos muda o caráter; fixa-o apenas para sempre, além da possibilidade de qualquer mudança” (WHITE, 1985, p. 167).



própria. Se foi isso o que Andreasen quis dizer, ele fez uma afirmação que não encontra respaldo na Bíblia e nem em Ellen G. White.

Segundo Ellen G. White (1988, p. 619), nesse período os justos oram, afligindo a alma, “*indicando o anterior arrependimento de seus muitos pecados*, e reclamando a promessa do Salvador. [...] Sua fé não desfalece por não serem suas orações de pronto atendidas”. E ela acrescenta que “*ainda que os inimigos os lancem nas prisões, as paredes do calabouço não podem interceptar a comunicação entre sua alma e Cristo*” (WHITE, 1988, p. 627).

Parece que a vida de comunhão continua, de forma até mais intensa. Os justos viverão sem um intercessor para o perdão de pecados, mas em comunhão contínua com o Intercessor que os sustenta. O fato de “estar por si mesmo” e não ter mais um intercessor no santuário não vai afetar a vida de oração.

## O Espírito Santo se retira da terra

Um ponto sempre destacado nas exposições da TUG é o fato de que, no tempo de angústia, “Deus retira Seu Espírito da terra” (ANDREASEN, 1983, p. 256). É possível que tal afirmativa deixe a impressão de que a última geração ficará abandonada à própria sorte.

Quando se diz que o Espírito vai ser retirado do mundo, é somente do mundo perverso que Ele é retirado. Como foi advertido nos dias de Noé: “O meu Espírito não agirá para sempre no homem” (Gn 6:3). Esse “agir” refere-se à obra do convencer do pecado, da justiça e do juízo. O Espírito nunca é retirado da verdadeira igreja de Cristo (Jo 14:16).

Na verdade, a Chuva Serôdia, a manifestação especial do Espírito Santo, vem também para a igreja ter inigualável poder para atravessar os eventos finais. Assim, embora o tempo de angústia seja o pior da história, o poder e a manifestação do Espírito Santo também será o maior de todos os tempos.

Ellen G. White compara o tempo de angústia às provações e perseguições registradas no livro de Atos (WHITE, 1988, p. 626, 627, 630, 633). Segundo ela, os eventos de Atos se repetirão nos últimos dias. Sendo que os eventos de Atos aconteceram após o Pentecostes, os últimos eventos acontecerão *após* a Chuva Serôdia. Os dois períodos de provação são antecidos pelo derramamento especial do poder do Espírito Santo.

## Reduccionismo de temas mais amplos

A TUG apresenta de forma muito simplificada, reduzida e unilateral temas que são mais amplos e que possuem vários aspectos. Tome-se como



exemplo a questão do “viver sem intercessor” no tempo de angústia. Levando-se em conta tudo o que Ellen G. White escreveu sobre o tema da intercessão, é possível concluir que, em certo sentido, Jesus continuará sendo intercessor, pois existem outros benefícios da intercessão, além do perdão de pecados. Os crentes são mantidos, sustentados pela intercessão:

E todo aquele que romper com a escravidão e serviço a Satanás, e ficar sob a bandeira ensanguentada do Príncipe Emanuel, *será mantido pela intercessão de Cristo*. Cristo, como nosso Mediador, à direita do Pai, *sempre* nos mantém em vista, por isso é tão necessário que ele nos mantenha por Suas intercessões quanto nos resgate com Seu sangue. *Se Ele retirar Seu sustento de nós por um momento, Satanás está pronto para destruir*. Aqueles comprados pelo seu sangue, Ele agora mantém por sua intercessão. Vive sempre para interceder por nós [Hb 7:25] (WHITE, Ellen G. Manuscrito 73, 1893 apud NICHOL, 1980, v. 6, p. 1078).

158

É a intercessão que livra o justo até mesmo de cair em tentação:

Nosso Salvador está *continuamente* trabalhando por nós. Subiu ao alto, e *intercede* pelos que foram adquiridos por Seu sangue. Ele alega diante de Seu Pai as agonias da crucifixão. Ergue as mãos feridas e *intercede por Sua igreja, para que sejam livrados de cair em tentação* (WHITE, 2008. p. 376).

Os cultos, orações e louvor dos justos só serão aceitos por causa da intercessão de Cristo:

Os *cultos*, as *orações*, o *louvor*, a penitente confissão do pecado, sobem dos crentes fiéis, qual incenso ao santuário celestial, mas passando através dos corruptos canais da humanidade, ficam tão maculados que, a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem ser de valor perante Deus. Não ascendem em imaculada pureza, e *a menos que o Intercessor*, que está à mão direita de Deus, apresente e purifique tudo por Sua justiça, *não será aceitável a Deus*” (WHITE, 2001, p. 344).



E a comunicação com Deus passa pela mediação de Cristo: “E assim Cristo é o *mediador da comunicação* dos homens com Deus, e de Deus com os homens” (WHITE, 1990, p. 143).

Então, se durante o tempo de angústia haverá comunicação entre o céu e a terra, cultos, orações, louvor, sustento e proteção, então esses outros aspectos da intercessão de Cristo continuarão mesmo após o fechamento da porta da graça.

A existência de vários aspectos da mediação de Cristo é confirmada pelo fato de Ellen G. White (1997, p. 615) afirmar que Jesus *sempre foi* Mediador e também dizer que ele *tornou-se* Mediador (WHITE, 1981, p. 106). Claramente a “mediação/intercessão” possui diferentes nuances.

## Problemas de lógica argumentativa

Ideias aparentemente inofensivas podem ter sérias consequências quando são desenvolvidas e levadas às suas últimas instâncias lógicas. Além disso, algumas ideias simplesmente não resistem a um exame lógico. A TUG apresenta algumas inconsistências lógicas, como será apresentado a seguir.

159

### Vindicação através de “um ou mais” fieis ou através da Última Geração?

Andreasen escreveu que “todo o necessário é que Deus apresente *um* homem que tenha guardado a lei, e Sua causa está ganha. Na ausência de tal caso, Deus perde e Satanás ganha. O resultado depende, portanto, de *um ou mais* seres que guardem os mandamentos divinos” (ANDREASEN, 1983, p. 255). Logo após estabelecer esse critério mínimo, Andreasen passa a apresentar a última geração como a resposta de Deus. A inconsistência lógica está no fato de que Ellen G. White (1990, p. 540-541) menciona Cristo como esse “um homem” que, por sua vida íntegra, refutou as acusações de Satanás. E também cita Enoque (WHITE, 2002, p. 51). Dessa forma, tanto o critério do “um homem” quanto o do “um ou mais seres” já foram preenchidos, e a última geração faria uma demonstração repetitiva.

Mas Andreasen arbitrariamente acrescenta critérios: segundo ele, não poderiam ser levados em conta “casos especiais” como Jó, e dever-se-ia apresentar um caso em que Deus não tenha intervindo. Mesmo mencionando rapidamente Jesus como tendo conseguido preencher esse critério, Andreasen (1983, p. 255) prossegue apresentando a última geração como a “manifestação suprema”.

A consequência disso é que, na TUG, a vida perfeita de Cristo apenas teria demonstrado de forma preliminar (ANDREASEN, 1983, p. 240) que seria possível

tal coisa ser demonstrada posteriormente de forma efetiva pela última geração, uma evidência desnecessariamente redundante.

## Problemas nos critérios de vindicação

De acordo com a TUG, Satanás afirma que é impossível alguém obedecer à lei de Deus, e mesmo com as demonstrações contrárias dadas na vida de Cristo, o desafio continua e “Deus deve aceitar o repto de Satanás” (ANDREASEN, 1983, p. 250). Não fica claro o motivo desse “dever divino”, nem como ele pode ser bíblicamente demonstrado.

Por mais razoáveis que possam parecer os critérios citados por Andreasen, eles não possuem sólida fundamentação bíblica. A Bíblia e Ellen G. White não estabelecem a manifestação de uma geração final de pessoas perfeitas como uma condição *sine qua non* para que Cristo retorne à terra e Deus seja justificado.

E também não fica claro, na TUG, se há uma quantidade mínima requerida de pessoas perfeitas. Douglass (DOUGLASS, 2001, p. 73) afirma que “Deus não fechará a porta da graça para o mundo até que *uma parcela significativa* de seu povo remanescente vindique Seu governo”. Lendo as exposições da TUG, não é fácil descobrir a origem bíblica de tal critério, que parece ter sido arbitrariamente estabelecido.

Apesar das demonstrações de fidelidade de Jesus, Jó, Enoque, Elias e dos santos de cada geração, Douglass (DOUGLASS, 1974, p. 25) afirma que “*pela primeira vez na história do mundo*, Deus será capaz de dizer sem medo de ser envergonhado: ‘Dê uma boa olhada nas pessoas que guardam a minha lei!’”. Mas então Douglass completa, dizendo que será “*a primeira vez em grande escala*” (DOUGLASS, 1974, p. 26), e confirma citando um texto-prova de Ellen G. White que não fala especificamente da última geração.<sup>30</sup>

## Inversão de papéis entre Deus e o homem

A TUG transforma o grande conflito numa “teodiceia”, onde Deus é quem precisa livrar-se das acusações de Satanás. E, para ser defendido, Deus contará com a última geração de cristãos fiéis. Nessa teoria, Deus é vitimizado e precisa ser defendido. Em última instância, em vez de uma igreja aguardando a manifestação poderosa de Deus, a TUG

.....

<sup>30</sup> “Deus requer de *Seus filhos* perfeição. Sua lei é um transcrito de Seu caráter, e é o padrão de todo caráter. Essa norma infinita é apresentada a todos, para que não haja má compreensão no tocante à espécie de homens que Deus quer ter para compor o Seu reino. A vida de Cristo na Terra foi uma expressão perfeita da lei de Deus, e quando *os que professam ser Seus filhos* receberem caráter semelhante ao de Cristo, obedecerão aos mandamentos de Deus. Então o Senhor pode contá-los com toda a confiança entre os que formarão a família do Céu. Trajados com as vestes gloriosas da justiça de Cristo, participarão da ceia do Rei. Têm o direito de associar-se com a multidão lavada no sangue” (WHITE, 2000, p. 168).



apresenta Deus esperando pela impressionante manifestação de humanos perfeitos. Tais alegações deveriam estar solidamente firmadas nas Escrituras, o que não parece ser o caso.

Nessa moldura teológica do grande conflito, Deus seria *dependente* dessa última geração, pois, após a cruz, Satanás teria uma segunda chance de derrotar a Deus, derrotando a última geração. A primeira batalha foi com Jesus, mas a segunda e definitiva batalha será com a última geração. Ou seja, Satanás ainda não foi vencido por Cristo, ele tem uma segunda chance, e só será definitivamente vencido através da última geração (ANDREASEN, 1983, p. 249).

## Considerações finais

A TUG apresenta problemas hermenêuticos de diferentes tipos e níveis. Uma teoria como esta, que envolve santificação e escatologia e pretende abordar o “assunto de maior relevância no universo”, precisaria surgir mais clara e naturalmente das Escrituras. Falta embasamento bíblico para muitas das principais alegações da TUG. Seus expositores fazem mais uso homilético da Bíblia do que exegético. Em alguns casos, há um mero uso ornamental de textos bíblicos, para comprovar afirmações óbvias, enquanto nas afirmações mais contundentes verifica-se um enorme vazio de testemunho bíblico.

Existem muitos pontos em comum entre a TUG e Ellen G. White. Mas a TUG apresenta nuances diferentes e divergências preocupantes com relação aos escritos de Ellen G. White. Há também a aplicação descontextualizada de textos de Ellen G. White apenas para comprovar uma ideia (método texto-prova). Uma análise mais detida dos textos utilizados revela que eles não suportam as afirmações da TUG, e, em alguns casos, nem mesmo estão relacionados ao tema.

Outro problema hermenêutico da TUG é a seletividade na apresentação da evidência e a omissão de vários textos desfavoráveis às suas conclusões. Além disso, existem marcantes diferenças de ênfase e foco entre os autores da TUG e Ellen G. White. A questão da vindicação divina não é periférica para Ellen G. White, mas o papel da última geração nesse processo (a perfeição) tem sido supervalorizado pela TUG ao ponto de se tornar, também, o assunto de maior relevância no universo.

A TUG revela uma dificuldade lógica ao apresentar a última geração de santos como a resposta para as acusações de Satanás. Segundo Ellen G. White, homens como Enoque, Elias e todos os “fiéis de cada geração desde Adão” (além do próprio Cristo), já demonstraram que a lei pode ser obedecida, refutando as acusações de Satanás a respeito da lei e do caráter de Deus. Assim, a última geração seria apenas *mais uma* demonstração e *mais uma* refutação das acusações de Satanás.

A manifestação de uma “parcela significativa” de pessoas justas (além dos justos mencionados na Bíblia que foram trasladados e do próprio Cristo) parece ser um critério arbitrariamente criado pelos defensores da TUG. Ele não é encontrado claramente na Bíblia e nem nos escritos de Ellen G. White. Por que Satanás e o universo precisariam de uma evidência além daquela que já foi dada através dos santos de todas as gerações, Enoque, Elias e, principalmente, Cristo?

Para justificar toda a atenção que a TUG dá à última geração seria necessário evidenciar melhor a imprescindibilidade do testemunho da última geração no grande conflito. Por que a última geração deveria ser considerada a maior demonstração de obediência e por que tal demonstração seria vital no grande conflito?

E, por último, a TUG provoca uma sutil inversão de papéis: Deus precisa ser “defendido” pela vida impecável da última geração, o que tende a tornar o homem a figura central do grande conflito. E se “viver sem pecar” se torna o foco principal, a missão de ir por todo mundo pregando o evangelho a pecadores de todos os tipos se torna um enorme risco. O mais seguro seria viver isoladamente, ou, para arriscar o mínimo, “evangelizando” os próprios adventistas a fim de torná-los perfeitos e assim salvarem a reputação de Deus perante o universo.

162

## Referências

ANDREASEN, M. L. **O ritual do santuário**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. **The Book of Hebrews**. Washington: Review and Herald, 1948

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

DAVIDSON, R. M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DOUGLASS, H. E. **The unique contribution of adventist eschatology**. Paper apresentado na North American Bible Conference. Washington: General Conference of Seventh-day Adventists, 1974. Disponível em: <<http://bit.ly/2fg8T4h>>. Acesso em: 18 fev. de 2015.

\_\_\_\_\_. **The End: unique voices of adventists about the return of Jesus**. Ringgold: Teach Services, 2001.



\_\_\_\_\_. Why Jesus wait. **The Advent Review and Sabbath Herald**. Washington: Review and Herald, 04 de outubro de 1973, p. 6. Disponível em: <<http://bit.ly/2guBQOY>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

EVANS, P. M. **A historical-contextual** analysis of the final-generation theology of M. L. **Andreasen**. Dissertação. (Mestrado em Teologia). Berrien Springs: Andrews University, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2fwZOEV>>. Acesso em 12 dez. de 2014.

GOLDSTEIN, C. **1844**: uma explicação simples das principais profecias de Daniel. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. The full and final display. **Ministry**, [s. d.]. p. 62.

MALHEIROS, I. Dicta probantia: uma reflexão sobre o uso de textos-prova na hermenêutica adventista. **Revista Hermenêutica**, v. 14, n. 1, p. 65-90, 2014.

KNIGHT, G. R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **Questões sobre doutrina**: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Reading Ellen G. White**: how to understand and apply her writings. Hagerstown: Review and Herald, 1997,

MUELLER, E. The revelation, inspiration, and authority of Scripture. **Ministry**, abr. 2000.

NICHOL, F. D. (Ed.). **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Hagerstown: Review and Herald, 1980. 7 vols.

SANTOS, V. S. O perfeccionismo como um obstáculo à santidade cristã. **Fides Reformata**, v. xiii, n. 1, p. 109-128, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2gdWdgt>>. Acesso em: 12/03/2014.

WHITE, E. G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cristo triunfante**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977.



- \_\_\_\_\_. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Fé e obras**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1981
- \_\_\_\_\_. Go work today in my vineyard. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 16, n. 15, 1889. Disponível em: <<http://bit.ly/2gagJAF>>. Acesso em: 27/09/2014.
- \_\_\_\_\_. God's Love Unmeasured. **Signs of the times**, v. 39, n. 20, p. 11, 1912. Disponível em: <<http://bit.ly/2gdYp7A>>. Acesso em: 14 ago. de 2014.
- \_\_\_\_\_. **Mensagens aos Jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001. v. 1
- \_\_\_\_\_. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987. v. 3
- \_\_\_\_\_. **Mente, caráter e personalidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1989. v. 3
- \_\_\_\_\_. **No Deserto da tentação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Nos lugares celestiais**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1968,
- \_\_\_\_\_. **O desejado de todas as nações**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Profetas e reis**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Santificação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. v. 1
- \_\_\_\_\_. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985.